

## **A dimensão espiritual da comensalidade no filme “A Festa de Babette”: por uma compreensão ecumênica da hospitalidade e da eucaristia**

The spiritual dimension of the commensality in the film "Babette's Feast" towards an ecumenical understanding of hospitality and the Eucharist

Ceci Maria Costa Baptista Mariani\*  
Breno Martins Campos\*\*  
José Lima Júnior\*\*\*

### **Resumo**

A espiritualidade é o cuidado com a vida em sua integralidade. Como define Faustino Teixeira no artigo “Malhas da hospitalidade”, ela é a *capacidade de celebrar a vida em profundidade*, ou seja, a capacidade humana de reconhecer que a vida tem uma dimensão profunda – da qual irradiam amor desinteressado, gratuidade, atenção, cortesia e hospitalidade – e de se alegrar com isso. Diferentemente do que geralmente se pensa, a espiritualidade não se restringe aos templos e espaços religiosos, antes, diz respeito a pessoas e não a almas etéreas. Portanto, perpassa toda a vida cotidiana. Na atualidade, diante dos desafios dos tempos sombrios em que vivemos, tanto na dimensão política como na de saúde pública, a casa se torna um lugar privilegiado para o cultivo da espiritualidade. Neste artigo, buscamos explicitar a dimensão espiritual da comensalidade de acordo com uma análise interpretativa do filme “A Festa de Babette” (1987), dirigido por Gabriel Axel, baseado na obra homônima da escritora dinamarquesa Karen Blixen. Em nossa análise, buscamos ressaltar a compreensão ecumênica do mistério eucarístico que o filme inspira.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Comensalidade. Espiritualidade. Eucaristia. Religião. Cinema.

### **Abstract**

Spirituality is the fully caring for life. Accordingly, to Faustino Teixeira in the article “Fabrics of Hospitality”, it is the capability to celebrate life in depth, that is, the human capacity to recognize that life has a profound dimension – from which radiates selfless love, gratuitousness, attention, courtesy and hospitality – and to rejoice in it. Unlike what is generally thought, spirituality is not restricted to temples and religious spaces, it concerns people rather than ethereal souls. Therefore, it permeates all aspects of everyday life. Nowadays, standing before the challenges provided by the dark times in which we live both in the fields of political and public health, the home becomes a privileged place for the cultivation of spirituality. In this article, we seek to explain the spiritual dimension of commensality according to an interpretative analysis of the film

---

Artigo submetido em 8 de fevereiro de 2022 e aprovado em 27 de dezembro de 2022.

\* Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas). Editora da Revista Reflexão. País de origem: Brasil. E-mail: cecibm@puc-campinas.edu.br.

\*\* Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas). Editor adjunto da Revista Reflexão. País de origem: Brasil. E-mail: brenomartinscampos@gmail.com.

\*\*\* Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). País de origem: Brasil. E-mail: joselimajunior22@gmail.com.

“Babette’s Feast” (1987), directed by Gabriel Axel, based on the homonymous work of Danish writer Karen Blixen. In our analysis, we seek to emphasize on the ecumenical understanding of the Eucharistic mystery that the film inspires.

**Keywords:** Hospitality. Commensality. Spirituality. Eucharist. Religion. Cinema.

## Introdução

Dirigido por Gabriel Axel (1918-2014), o filme *A Festa de Babette* (original de 1987)<sup>1</sup> é um roteiro adaptado do conto homônimo da escritora dinamarquesa Karen Blixen (1885-1962), publicado em 1958 na obra *Anedotas do Destino*, assinando com o pseudônimo Isak Dinesen.<sup>2</sup>

Por ora, valemo-nos da obra *Homens em tempos sombrios*, da filósofa Hannah Arendt (2008)<sup>3</sup>, para a composição de um retrato da autora do conto publicado em forma de texto e não na linguagem fílmica (que, certamente, contribuiu de modo decisivo para a popularização de *Babette* no mundo e, particularmente, no Brasil). Antes de tudo, entretanto, vale a pena entendermos as intencionalidades do livro da própria Arendt:

Escrita ao longo de um período de doze anos, no impulso do momento ou da oportunidade, esta coletânea de ensaios e artigos se refere basicamente a pessoas – como viveram suas vidas, como se moveram no mundo e como foram afetadas pelo tempo histórico. (ARENDDT, 2008, p.7).

O que têm em comum as pessoas escolhidas pela filósofa para composição de seu livro? Trata-se de histórias de vida que se deram na primeira metade do século XX, marcada, ela mesma, por “suas catástrofes políticas, seus desastres morais e seu surpreendente desenvolvimento das artes e ciências.” (ARENDDT, 2008, p. 7). Cada qual a seu modo, trata-se de mulheres e homens que enfrentaram as sombras de seu próprio tempo histórico.

Se a função do âmbito público é iluminar os assuntos dos homens, proporcionando um espaço de aparições onde podem mostrar, por atos e palavras, pelo melhor e pelo pior, quem são e o que podem fazer, as sombras chegam quando essa luz se extingue por “fossos de credibilidade” e “governos invisíveis”, pelo discurso que não revela o

<sup>1</sup> O DVD que utilizamos como referência é de 2013 (*A Festa...*).

<sup>2</sup> O título original da obra em inglês, como observamos acima de forma indireta, é simplesmente *Anecdotes of Destiny*, entretanto, tamanha foi a dimensão alcançada pelo conto “A Festa de Babette” que ele passou a ocupar, pela menos no livro da Editora Record, a posição principal do título. No Brasil, há pelo menos mais uma publicação impressa de *A Festa de Babette*, sem as outras “anedotas do destino”, por iniciativa da Editora do SESI-SP (BLIXEN, 2018).

<sup>3</sup> Original da década dos anos 1950.

que é, mas o varre para sob o tapete, com exortações, morais ou não, que, sob o pretexto de sustentar antigas verdades, degradam toda a verdade a uma trivialidade sem sentido. (ARENDDT, 2008, p. 8).

Portanto, precisamos enxergar com atenção pessoas que, antes de nós, viveram em tempos sombrios, nos quais a verdade foi banalizada, pois foram elas capazes de alguma iluminação – não somente por teorias e métodos, mas, inclusive ou sobretudo, por suas próprias vidas. Segundo Arendt (2008, p. 9), “olhos tão habituados às sombras, como os nossos, dificilmente conseguirão dizer se sua luz era a luz de uma vela ou a de um sol resplandecente”, de todo modo, Isak Dinesen ou Karen Blixen foi uma dessas pessoas.

Precisamos, ainda, dar atenção ao fato de ter sido ela uma mulher de vários nomes (um “eu” e seus “outros”, ao mesmo tempo):

A baronesa Karen Blixen, *née* Karen Christentze Dinesen – chamada Tanne pela sua família, e Tania primeiramente pelo seu amante e a seguir pelos amigos –, foi a escritora dinamarquesa de rara distinção que escreveu em inglês por fidelidade à língua do seu amante falecido e, no espírito do bom coquetismo antiquado, em parte ocultava, em parte mostrava sua autoria prefixando ao seu sobrenome de solteira o pseudônimo masculino “Isak”, aquele que ri. (ARENDDT, 2008, p. 105).

Karen ou “Isak” (talvez por ter aprendido a rir das anedotas do destino) levou às últimas consequências o ser uma contadora de histórias.

Podia-se compreender melhor que o pesar por ter perdido sua vida [sentido figurado] e seu amante na África faria dela uma escritora e lhe daria uma espécie de segunda vida, se se entendesse isso como uma brincadeira, e “Deus aprecia uma brincadeira” tornou-se sua máxima no período final da vida. (ARENDDT, 2008, p. 106).

Somente pela fidelidade às histórias que contamos é que podemos ser fiéis à vida, ao fato de estarmos plenamente vivos. Para quem trai a história que conta, o silêncio é somente vácuo; aqueles que são fiéis às histórias, quando pronunciarem as últimas palavras, ouvirão a voz do silêncio (ARENDDT, 2008) – que pode ser outra forma de dizer sabedoria.

“A Festa de Babette” nos fala de hospitalidade e comensalidade, duas das virtudes que, juntamente com o respeito e a tolerância, compõem, segundo

Leonardo Boff (2006), as *Virtudes para um outro mundo possível*.<sup>4</sup> De uma delicadeza exemplar, o conto é a história do encontro entre três mulheres, ou melhor, do acolhimento de uma estrangeira – fugitiva da perseguição sofrida na França, sacudida que estava pela Comuna de Paris (1871) – por duas irmãs, numa pequena comunidade pietista de uma cidadezinha localizada num fiorde (braço de mar entre montanhas altas) da Noruega.

Como hipótese, encontramos no conto uma espécie de mística do cotidiano, isto é, uma experiência de encontro intensivo com o Sagrado, uma espiritualidade no interior da convivência cotidiana, no exercício da hospitalidade e da comensalidade. Na definição do teólogo Edward Schillebeeckx (1994), mística é uma forma intensiva de experiência de Deus na fé, vinculada à dimensão cognitiva. Considerando os dois aspectos dessa dimensão – um que diz respeito às representações, conceitos, imagens, e outro que está relacionado ao contato cognitivo com a realidade divina –, a mística pode ser definida, em sentido mais específico, como uma forma intensiva desse elemento cognitivo que nos une com Deus na fé e nos faz conhecer a Deus como Mistério – para além das representações humanas do divino institucionalizadas nas tradições.

A narrativa da baronesa Blixen faz uma crítica elegante e sensível ao que Jürgen Moltmann (2002, p. 81) chama de “espiritualidade da alma”, que se desenvolveu no interior do cristianismo, operando uma espiritualização da salvação. Fruto do diálogo como a tradição platônica, é uma vivência espiritual que não compreende mais o Espírito como fonte de vida, conforme a tradição bíblica, mas como redentor da alma do cativo do corpo. Podemos dizer que “A Festa de Babette” é um conto que recupera sentido de espiritualidade como experiência do corpo, própria do messianismo bíblico.

“Na literatura semítica Ocidental, o termo *rûah* é primariamente associado com ‘respiração’ e com ‘sentimento’, que mudam conforme às oscilações na respiração e disposição.” (HILDEBRANDT, 2008, p. 25). No antigo Testamento, afirma Moltmann (1998, p. 88), “o Espírito de Deus é a força de vida das criaturas

---

<sup>4</sup> *Virtudes para um outro mundo possível*, obra publicada por Leonardo Boff em três volumes pela Editora Vozes, com os seguintes subtítulos: “hospitalidade: direito & dever de todos” (v. I); “convivência, respeito & tolerância (v. II); e “comer & beber juntos & viver em paz (v. III).

e o espaço de vida que elas dispõem para desenvolver-se” e, em o Novo Testamento, é força de vida da ressurreição. Moltmann (1998) entende a vitalidade como amor à vida que liga as pessoas aos demais seres vivos e interpela o humano em sua liberdade, chamando as pessoas a uma postura de afirmação da vida contra a morte, apesar dos desafios e de sua fragilidade. Nesse sentido, espírito deve ser entendido como a vida do corpo e espiritualidade como vitalidade.

De acordo com a tradição bíblica, essa vitalidade é fruto da aceitação humana ao convite para se tornar imagem divina (cf. Gn 1,27), assumindo a tarefa do cuidado em comunhão com toda a criação. Não é um caminho ascético solitário, mas experiência pessoal de comunhão. O Espírito Santo de Deus, doado pelo Cristo ressuscitado, é vivificação, pois desperta “um insuspeitado amor à vida que expelle os germes da resignação e cura lembranças dolorosas” (MOLTMANN, 1998, p.98) e a esperança do novo nascimento de tudo quanto vive, renascimento próprio e da comunidade. (MOLTMANN, 1998).

Por uma abordagem teopoética, podemos dizer que o conto é a narrativa de um milagre operado pela graça de Deus atuante na arte daquela que busca *dar tudo de si*. Um milagre eucarístico, pois ajuda a ver o projeto de Deus frente aos desafios de construção de um mundo em comunhão.

O milagre pulsante nas entrelinhas das páginas chega às telas dos cinemas, das televisões, dos aparelhos portáteis etc. Depois de quase 30 anos o conto é recontado como filme. Uma comunhão em torno da arte ganha mais ambientes em nossa grande casa habitada. Gabriel Axiel (do alto de seus quase 70 anos de idade) elaborou e dirigiu seu roteiro para “A Festa de Babette” como uma inteligente e interessante tradução audiovisual para o conto de Karel Blixen. As marcas sonoras e luminosas do filme buscaram e tiveram êxito ao materializar aquilo que o registro literário sugeria de maneira magistral.

Por seus méritos, a carreira desse filme tem colecionado elogios da crítica especializada, encantado plateias mundo afora e conquistado prêmios. Sem dúvida, é louvável o trabalho de direção do filme com atores escolhidos a dedo, com cenários primorosos reconstituindo uma época, com trilha sonora precisa,

com iluminação soberba, com fotografia extraordinária nos enquadramentos tangenciados de requintes e sutilezas tanto nos closes quanto nas composições mais amplas... Fica acrescentado a isso tudo uma edição/montagem belíssima com algumas poucas trucagens pontuais e apropriadas.

Portanto, a realização do filme envolveu e articulou diferentes níveis de signos – os quais, por óbvio, compareceram como ícones, índices e símbolos, para usar uma tipologia da semiótica de Charles Sanders Peirce (1977). Explanando de maneira muito simplificada, parece-nos que enquanto o ícone é captado como estímulo sensorial, o índice relaciona fatos e fatores para a aquisição de sentidos lógicos. Já o símbolo convida à imaginação.

Quando enxergamos o que é exibido pelo filme “A Festa de Babette”, suas imagens nos proporcionam semelhanças com a realidade e, a depender de nosso repertório cultural, relacionamos essas imagens aos possíveis princípios de causalidade – depreendendo daí sentidos que ultrapassam as sensações. Durante ou terminada a sessão cinematográfica, os ícones e os índices evocam símbolos, alguns com tanta densidade que nos encharcam de sentimentos mais profundos, às vezes, portadores de *preocupações últimas*; símbolos com os quais vemos hospedados e degustamos nossos desejos mais íntimos e íntegros.

Ao conferir o filme “A Festa de Babette”, entendemos também benéfico para uma abordagem acadêmica o conceito de função dos fatores comunicacionais apresentado por Roman Jakobson (1988) e bem desenvolvido por Samira Chalub (1987). Em que pese a presença de todos os fatores (emissor, receptor, referência, canal, mensagem e código) e suas respectivas funções (emotiva, conativa, denotativa, fática, poética e metalinguística), o filme privilegia as funções poética e metalinguística. É inquestionável: *A Festa de Babette* é um filme de arte sobre uma arte. Ele nos acolhe e nos convida a banquetearmos com as primícias de um espírito vigoroso, receptivo e confiante.

Parece-nos oportuno agora – com o conto escrito numa das mãos e o filme montado na outra – trazer alguns destaques, tentar analisá-los e com eles construir valorações. E queremos cumprir nossa proposta temática em três tópicos, recorrentes entre si: hospitalidade, comensalidade e espiritualidade.

## 1 Hospitalidade

A história se passa no seio de uma pequena comunidade pietista, “uma seita eclesiástica devota” (BLIXEN, 2018, p. 7), conduzida por duas mulheres idosas, Martine e Philippa, filhas do deão (o ministro religioso). Uma seita “conhecida e respeitada em toda a Noruega” (BLIXEN, 2018, p. 7), que, depois da morte do seu fundador, tornara-se decadente. Os discípulos envelhecidos, minguavam. A comunidade tinha perdido a vitalidade. A vida ascética de renúncia aos prazeres do mundo, assumida pela comunidade sob a orientação firme e rigorosa do deão, tornara os discípulos um pouco chorosos e briguentos, “de modo que pequenos cismas surgiram na congregação.” (BLIXEN, 2018, p. 8).

A criada Babette, personagem central da história contada, havia sido acolhida pelas duas irmãs doze anos antes do período em que se dá a festa (por ocasião da memória dos 100 anos da data de nascimento do deão). Babette era “uma fugitiva, sem amigos, quase enlouquecida de dor e medo.” (BLIXEN, 2018, p. 8). Tinha vindo de outro mundo, do “vasto mundo de fora de Berlevaag” (BLIXEN, 2018, p. 9), de onde vieram também dois cavalheiros que, na juventude, tentaram invadir o mundo ascético criado e conduzido pelo deão, apaixonados por suas belas filhas. Um deles era um jovem oficial de vida dissoluta e outro, um grande cantor de ópera de Paris.

No filme, por volta dos 10 minutos (início da película, portanto), há uma sequência<sup>5</sup> em que o militar – Lorens Loewenhielm – cavalga nos arredores da casa de sua tia, desanuviando dissabores e cobranças da cidade grande. É uma imagem associada à força que uma portentosa montaria suscita. Em compensação, a trilha sonora suaviza dando alguma leveza à cena em precisos *pizzicati*. Deixando os campos e já pelas vielas de Berlevaag, Lorens avista Martine e se aproxima dela, que está comprando leite. O posicionamento e o enquadramento da câmera tensionam entre a grandiosidade do cavaleiro (em extra-quadro) e a singeleza de Martine (corpo inteiro, antes; frente e costas, depois). A moça não sofre involuntariamente nenhum atropelo do primeiro plano

---

<sup>5</sup> Imagens desta sequência e de outras cenas citadas neste artigo foram capturadas da cópia em DVD (PlayArte, 2013) e serão apresentadas com as indicações de tempo no filme e as devidas legendas informativas. Também consignamos que os comentários específicos às cenas do filme são adaptações de trechos do artigo “Nuances da Fortuna: semiótica de uma pênemica no filme *A Festa de Babette*, de José Lima Júnior (2005).

que privilegia Lorens e seu cavalo. Um assunto (*subject of a picture*) pesado em delicada formatação. Martine é sempre salva pela marcação de cena e pela montagem no último segundo/centímetro (Fotos 1 e 2). Sempre por pouco, sempre por um fio, sempre por um triz, rege a Fortuna, em seus meneios, os molejos e as malemolências dos corações. Os suspiros da alma picotam a carne do desejo e desenharam o destino, sem rascunho. Por isso, cada instante convoca o eterno.

**Figura 1 – Martine conversa com Lorens (extraquadro)**



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

**Figura 2 - Lorens (extraquadro) observa afastamento de Martine**



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

Seja no caso de Martine e Lorens, de Philippa e Papin (o cantor lírico da Cidade Luz), da membresia pietista de Berlevaag e Babette, o conto narra o encontro e o desencontro entre pessoas habitantes de dois mundos: um mundo voltado para as coisas celestes e outro para as coisas terrestres. “Para a congregação do deão, o amor terreno e o ato de desposá-lo constituíam assuntos triviais, em si mesmos nada senão ilusão.” (BLIXEN, 2018, p. 9). Dois mundos

que se transformaram mutuamente pela força da hospitalidade e da comensalidade.

Na versão cinematográfica, a saga dessa fugitiva francesa em um vilarejo norueguês começa contando, em três minutos, o que aconteceu depois de 1883. Daí há um corte na linearidade discursiva e durante quase 30 minutos apresenta fatos transcorridos por volta de 1836, quando as irmãs Martine e Philippa, patroas de Babette, ainda eram jovens e, talvez, a própria Babette fosse *petit enfant* em França.

Esse corte na linha do tempo ficcional se opera em cinco segundos no quarto minuto do filme, por meio de uma técnica de sobreposição de imagens. Martine e Philippa, após serem servidas por Babette em refeição noturna no interior da casa, “voltam” no tempo quase cinco décadas e são fotografadas em idêntico enquadramento, porém noutro ambiente: ao ar livre, nas proximidades da igreja comandada pelo pai de ambas (Figuras 3 e 4). Os contrastes das imagens (noite/manhã, domicílio/descampado, idosas/jovens) compõem como ícones agregadores de índices carregados de símbolos: a transitoriedade da existência, as visões espelhadas entre expectativas e retrospectivas, a recorrente resiliência pautada pelo encantamento mítico e místico. Por fim, estendendo mais uma hora, o filme fecha seu foco no período entre 1871 e 1883 – época em que Babette foi hóspede na casa das irmãs Martine e Philippa.

**Figura 3 - Martine e Philippa idosas, dentro de casa**



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

**Figura 4 - Martine e Philippa jovens, ao ar livre**

**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

A hospitalidade que é uma virtude essencial no contexto contemporâneo de globalização, marcado por grande mobilidade humana, por migrações desejadas ou não, sempre foi um grande desafio humano. Hoje, vivemos num mundo que Zygmunt Bauman (2017) definiu por uma tão pertinente frase-imagem: *Estranhos à nossa porta*. As crises migratórias (tão complexas) causam-nos pânico, pois trazem à realidade o confronto entre o imperativo categórico da moral “com o medo do ‘grande desconhecido’ simbolizado pelas massas de estranhos à nossa porta.” (BAUMAN, 2017, p. 104).

A sabedoria bíblica, por sua vez, recomenda a acolhida do estrangeiro. A parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 30-37) é uma narrativa exemplar de que a alteridade e o acolhimento do outro são um grande desafio. No artigo *Malhas da hospitalidade* (2017), Faustino Teixeira reflete sobre a relação entre hospitalidade e diálogo no âmbito do pluralismo religioso. A relação com o outro sempre impacta o sujeito. A presença do outro promove um misto de admiração e repulsa. O mistério do outro desconcerta e seduz, afirma Teixeira (2017), mas, ao mesmo tempo, provoca desconcerto, envolve também agonia e estranhamento. “A hospitalidade tem início na soleira da porta, quando se dá o ‘embate’ com o rosto de um desconhecido, de um estranho ou estrangeiro. Ali se coloca a delicada questão do ‘limite entre dois mundos’, o de dentro e o de fora.” (TEIXEIRA, p. 25, 2017).

Babette chega à pequena cidade de Berlevaag em 1871, portando uma carta de apresentação de Achille Papin, aquele que teria sido outrora apaixonado por

Philippa, a mais nova das irmãs. Na carta, o grande cantor da cena parisiense, expõe a situação de Babette e pede às irmãs que lhe deem acolhida, informando ao final de seu testemunho pessoal que Babette sabia cozinhar:

A portadora desta carta, Madame Babette Hersant, como minha linda imperatriz em pessoa, teve de fugir de Paris. A guerra civil assola nossas ruas. Mãos de franceses têm derramado sangue francês. Os nobres communards, em defesa dos Direitos do Homem, foram esmagados e aniquilados. O marido e o filho de Madame Hersant, ambos eminentes cabelereiros femininos, foram fuzilados. Ela mesma foi presa como uma pétroleuse [mulheres que ateam fogo às casas com petróleo] e escapou por pouco das mãos sanguinárias do general Gallifet. Perdeu todas as posses e não ousa permanecer na França. (BLIXEN, 2018, p. 17-18).

Recebida com cordialidade, a mulher logo adquire “a aparência de uma criada confiável e respeitável” (BLIXEN, 2018, p. 20). Mesmo temerosas de receber em casa uma papista (católico-romana), vinda de Paris, lugar de luxo e extravagância, as irmãs lhe deram acolhida. Sem querer aborrecê-la com catequizações, procuraram ser, antes de tudo, exemplos de uma “boa vida luterana” (BLIXEN, 2018, p. 20). Babette se adaptou completamente à vida simples e despojada das irmãs. Encarregada da administração da casa, possibilitou às irmãs dispensar mais tempo ao cuidado dos pobres e enfermos, à escuta das queixas e confidências dos velhos amigos, e à meditação sobre assuntos celestiais. Sucedeu ser admirada pela comunidade, que passou a incluir seu nome nas orações, “agradecendo a Deus pela silenciosa estrangeira, a trigueira Marta das duas claras Marias.” (BLIXEN, 2018, p. 22). “Na prática da hospitalidade”, afirma Teixeira (p. 26, 2017), “ocorre a transformação que implica uma dádiva de si”. No encontro entre as três mulheres, indica o conto, estabeleceu-se um diálogo silencioso que se desdobrou em ação e contemplação, por isso a comparação com a narrativa bíblica (Lc 10, 38-42).

O diálogo é condição essencial e também expressão viva da virtude da hospitalidade, “requer a abertura de portas, do respiro aberto, do espaço luminoso.” (TEIXEIRA, p. 27, 2017). O diálogo supõe envolvimento e esforço de compreensão mútua, pois implica o encontro entre dois mundos com seus hábitos, valores e também com seus mistérios. Pressupõe também “pertença e domiciliação, amor à própria identidade, mas uma identidade sempre em construção, aberta ao sussurro contínuo e plural.” (TEIXEIRA, p. 28, 2017).

Essa *abertura de portas*, esse *respiro aberto*, esse *espaço luminoso* surgem grandiloquentes como ícone, índice e símbolo quase na metade da película. Aos 40 minutos, emerge uma fotografia portadora de irretocável plasticidade (Figura 5). Aparição estética sobremodo densa. Numa iluminação sóbria e com enquadramento simulando naturalidade, Babette caminha em contraluz. Seu solilóquio é sua silhueta desenhando lustros de acasos e ocasiões nas vidas de Martine, Philippa e dela própria. Há um quê de amadurecimento quase tangível. E, paradoxalmente, a imagem destila um frescor despojado de cansaços. A eternidade não acabara ontem, nem começaria amanhã; estava inteiramente-pela-metade naquele hoje mais-que-perfeito.

**Figura 5 - Babette em sua colheita da maturidade**



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

A identidade profunda de Babette se revelaria ainda mais por ocasião da celebração do centenário do nascimento do deão.

## 2 Comensalidade

A comensalidade é central na passagem do animal ao humano. Etnobiólogos e arqueólogos, afirma Boff (2006), acenam para o fato de que os antepassados antropóides que saíam para coletar frutos, sementes, caças e peixes não comiam individualmente o que conseguiam reunir. Tomavam os alimentos e os levavam ao grupo, daí distribuíam os alimentos entre si e os comiam comunitariamente. Isso significa que a nutrição não é, no âmbito da experiência humana, um ato individual. A comensalidade é um rito comunitário, cercado de símbolos e de significados, que consolida o salto para dentro do especificamente

humano. Em “A Festa de Babette” é possível captar, além do significado propriamente humano do nutrir-se, a profundidade transcendental que pode ser experimentada na comensalidade – vinculada que está à hospitalidade, pois “não se acolhe alguém como hóspede sem convidá-lo à mesa e fazê-lo comensal.” (BOFF, 2006, p. 60).

Chegando o tempo de celebrar a data do centenário do deão, a comunidade em Berlevaag não ia bem. Velhos ressentimentos andavam atormentando os irmãos e irmãs de fé e caminhada comuns. Martine e Philippa andavam preocupadas com a discórdia e dissensão surgidas no rebanho – e justamente naquele ano. Sentiam o peso da responsabilidade, discutiam o assunto e repetiam a palavra do pai: “que os caminhos do Senhor correm até pelo mar salgado e pelas montanhas cobertas de neve, onde o olhar do homem não enxerga nenhum rastro.” (BLIXEN, 2018, p. 25).

É justamente no contexto desses acontecimentos que chega a notícia de que Babette fora contemplada na loteria francesa, com o prêmio de dez mil francos. A boa notícia para Babette foi, entretanto, recebida com certa tristeza pelas pessoas da comunidade, pois, imaginando que Babette partiria dali, não teriam mais o tempo de dedicação das duas irmãs a elas, porque isso só era possível pela presença de Babette em seu meio. Sem ousar perguntar a ela sobre a data da partida, Martine e Philippa esperavam que ficasse, pelo menos, até o dia da celebração do centenário do deão. Numa determinada noite, porém, as irmãs foram surpreendidas com o pedido de Babette para que a deixassem, com o próprio dinheiro, preparar um jantar francês de comemoração do aniversário de nascimento do deão. A ideia foi recebida com certa aflição, pois, a princípio, estavam pensando numa ceia simples e frugal. No entanto, tocadas pela insistência suplicante de Babette, consentiram.

Para enfatizar, retomemos o filme. Estamos exatamente na metade: 50 minutos rodados. Babette desconta o cheque de 10.000 francos e sobe ao seu quarto no sótão da pequena casa em Berlevaag. Vasculha suas coisas (Figura 6). Fixa o olhar no retrato de seu querido marido, já morto. Junto, pendurado na parede um relógio adornado com fitas nas cores da bandeira francesa (Figura 7). Está na hora de nova decisão existencial. Por isso sai do quarto, busca a praia e

anda em direção ao mar, como se fosse partir de regresso à França. No enquadramento filmado, uma Babette bastante reflexiva desce da direita para a esquerda, do agora para o antes, do espaço em branco para o já escrito (Figura 8). Quando se detém vê uma gaivota sobre o mar, indo para a direita, inventando um depois, escrevendo coisas novas na abertura do céu (Figura 9). Babette, então, caminha outra vez subindo para a vila. Volta, resoluta, dando as costas para o passado (Figura 10). Já dentro da cozinha da casa das irmãs, espera, à porta da sala, o término da música. Bate. Entra. Comunica seu desejo: fazer sozinha o banquete em comemoração ao centenário de nascimento do falecido pastor. Babette decide fazer desse acaso sua ocasião (Figura 11). A Fortuna lhe sorriu e sua resposta foi reinventar sorrisos (Figura 12). Nisso pendurava sua razão de ser: existir pela arte.

**Figura 6 - Babette vasculhando seu quarto.**



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

**Figura 7 - Ao lado da cama, o retrato do marido de Babette e um relógio**



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

**Figura 8 - Babette, reflexiva, caminha da direita para a esquerda**



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

**Figura 9 - Gaivota vista por Babette**



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

**Figura 10 - Babette, resoluta, retornando para a vila**



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

### Figura 11 - Babette comunica sua decisão



Fonte: Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

### Figura 12 - A comensalidade beija a hospitalidade



Fonte: Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

Babette pôs-se, então, a preparar a festa: “como o gênio engarrafado do conto de fadas, inchara e crescera numa dimensão tal que as donas de casa se sentiram pequenas diante delas.” (BLIXEN, 2018, p. 30). E assim Babette mandou trazer de Paris ingredientes refinados e os melhores vinhos.

O filme apresenta como numa procissão da praia à casa, a chegada das compras para o jantar francês (Figura 13). À frente e pelas mãos de Babette, o espírito vívido das codornas. Conduzido com algum sacrifício pelo *garçon* Erik, segue o travessão de gelo. E pelas carriolas dos andores e nos braços dos devotos da vila, dez vezes o dízimo de Babette: a tartaruga, vários ingredientes, muitos temperos, os supremos vinhos, os excelsos cálices e tantos outros recursos diaconais. Todos estes elementos materializavam a oração de Babette. Seu desejo mais profundo foi se entregar plenamente como artista: transformar materiais da natureza em sacramentos, espiritualizar pão e vinho pela magia da arte que

penetra nos corpos.

### Figura 13 - Procissão da praia à casa



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

Preocupadas com a tentação que um jantar tão sofisticado pudesse representar para a comunidade – orientada desde sempre a rejeitar os prazeres do mundo –, as irmãs Martine e Philippa partilharam sua inquietação e receberam da coletividade a promessa de “manter silêncio quanto a qualquer tipo de comida.” (BLIXEN, 2018, p. 32), assim como, no dia do mestre, limpar as línguas de todo paladar e as purificar de todo prazer, “resguardando-as e preservando-as para coisas mais elevadas de louvor e ação de graças.” (BLIXEN, 2018, p. 32).

Eis que chega a data da celebração. À noite, os convidados são acolhidos para o jantar. Com corações e dedos aquecidos pelo calor e cheiro agradável vindos da cozinha, entoam hinos luteranos compostos pelo mestre homenageado. Dentre os convidados, encontra-se o General Lorens Loewenhielm (Figura 14), aquele que na juventude fora apaixonado por Martine – um homem aparentemente realizado, mas não perfeitamente feliz. Voltar àquele lugar, encontrar aquelas pessoas, trazia a ele o sentimento de que algo estava errado, “e ele cuidadosamente apalpava o próprio eu espiritual aqui e ali, assim como alguém aperta o dedo para determinar o local de um espinho profundamente encravado, invisível.” (BLIXEN, 2018, p. 37).

### Figura 14 - Lorens, inesperado, surge como ilustre convidado



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

Chegada a hora do jantar, os convidados são surpreendidos com a mesa cuidadosamente arrumada e uma oferta de sabores. Serviço completo para 12 comensais. Gestos em mímese, seguindo o paradigma de Lorens (Figuras 15 e 16). À luz de velas, a música dos talheres invocando o paladar. No cardápio: uma autêntica sopa de tartaruga em casamento com um impressionante *Amontillado*; um vistoso *Blinis Demidoff* comendo com um raro *Champagne Veuve Cliquot* 1860; as incríveis *Cailles en Sarcophage* veladas por um incansável *Clos Vougeot* 1845; e depois das deliciosas sobremesas de bolos e frutas, um apoteótico *Cognac Vieux Marke Fine Champagne*. Enquanto isso, o estranho Lorens interpreta o dom para línguas.

### Figura 15 - Lorens como intérprete do banquete



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

### Figura 16 - Até o maestro estava sob a batuta da etiqueta de Lorens



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

E, mesmo com o grande esforço ascético motivado pela promessa feita às irmãs, os fiéis paroquianos em torno da mesa mal conseguem resistir. Cada prato servido e cada gole de vinho pareciam provocar no corpo uma experiência capaz de tocar a alma e soltar as línguas. Animados, trazem à mesa as boas memórias dos feitos do deão: “Na maioria das vezes, os moradores de Berlevaag, no transcorrer de uma boa refeição, sentiam-se um pouco pesados. Nesta noite não foi assim. Os convivas sentiam-se cada vez mais leves, e de espírito leve, quanto mais comiam e bebiam.” (BLIXEN, 2018, p. 43).

### 3 Espiritualidade

Ao general Lorens Loewenhielm, a refeição fez lembrar uma experiência gastronômica excepcional no Café Anglais em Paris, preparada por uma mulher considerada o maior gênio culinário de sua época. Segundo o coronel Galliffet, oficial que tomou parte da repressão à Comuna de Paris, ela transformava um jantar num envolvimento amoroso de “categoria nobre e romântica na qual a pessoa não mais distingue entre apetite e saciedade, corporal e espiritual!” (BLIXEN, 2018, p. 44). A experiência, entretanto, conduziu-o a outra esfera da realidade, à verdade profunda que não se alcança sem o despojamento de si e confiança na graça divina.

A graça, ele compreendeu, é infinita, não exige nada, “apenas que aguardemos com confiança e a reconheçamos com gratidão”, que “não impõe condições e não escolhe nenhum de nós em particular”, que “nos toma a todos em seu seio e proclama anistia geral” (BLIXEN, 2018, p. 46). Tanto o que escolhemos

quanto o que recusamos na vida, complementou em seu discurso proferido durante o jantar, são possibilidades concedidas pela graça. Terminou o general sua fala (Figura 17) citando as palavras do deão, paradoxalmente, não mais no contexto de um ascetismo rigorista, mas, agora, no contexto da abundância promovida pela graça divina, ou seja, com a aquisição de sentido outro, mais profundo: “a misericórdia e a verdade encontraram uma à outra e a retidão e a bem-aventurança beijaram uma à outra!” (BLIXEN, 2018, p. 46).

### Figura 17 - Discurso de Lorens



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

Daquela noite, não se guardou lembrança muito clara, apenas “que os aposentos da casa se encheram com uma luz celestial [...]. Um bando de velhos taciturnos adquiriu o dom da glossolalia; ouvidos que estiveram quase surdos abriram-se a elas. O próprio tempo fundiu-se na eternidade.” (BLIXEN, 2018, p.47). Houve entre os membros da comunidade uma onda de reconciliação, interpretada como experiência da graça infinita, sobre a qual o general havia falado no discurso à mesa do jantar.

“A Festa de Babette”, a nosso ver, é a narrativa de uma experiência de comunhão, promovida pelo amor eucarístico, aquele que chega à radicalidade da entrega de si. No final do conto, revela-se a identidade profunda de Babette: uma grande artista, capaz de promover a transformação das relações, dando o melhor de si. Parafrazeando Arendt (2008) – da realidade à ficção –, trata-se de uma mulher de luz em tempos sombrios.

Tendo terminado o jantar, depois que os convidados se retiraram, as irmãs foram, com o coração agradecido, ao encontro de Babette, que estava na cozinha. Sentada no cepo de cortar, dentre as panelas sujas, “tão pálida e morta de cansaço quanto na noite em que apareceu pela primeira vez, desmaiando na soleira da porta” (BLIXEN, 2018, p. 51), a mulher, depois de um grande silêncio, revelou: “Eu fui cozinheira no Café Anglais” (BLIXEN, 2018, p. 51).

No diálogo que segue, revelou também que não voltaria a Paris, pois não tinha mais ninguém lá, havia perdido todos os seus. Além do mais, não tinha mais dinheiro, o prêmio de dez mil libras era o que custava um jantar para doze pessoas no Café Anglais. Indagada por Philippa porque tinha feito aquilo por elas, Babette respondeu de forma imprevisível: “‘Por sua causa’, retrucou. ‘Não. Foi por minha causa’” (BLIXEN, 2018, p. 53). Como uma grande artista, tinha consciência da necessidade de dar tudo de si e sabia que quando dava o melhor de si, era capaz de tornar as pessoas perfeitamente felizes.

Estamos em face do sentido do milagre eucarístico, a vida se ganha, a felicidade se constrói na medida em existe a disposição para a saída dos próprios interesses e a entrega generosa de si. Termina o conto com o anúncio escatológico sussurrado de Philippa: “‘Contudo, sinto que não é o fim! Sinto, Babette, que isto não é o fim. No Paraíso, será a grande artista que Deus planejou! Ah!’, acrescentou, lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. ‘Ah, como encantará os anjos!’” (BLIXEN, 2018, p. 55). Enfim, a boa notícia evangélica é a promessa de transformação do sujeito operada por Deus, como recompensa para a entrega de si em favor da vida do outro.

A propósito, aventamos que a personagem Babette comunga com uma vocação sacerdotal (Figura 18). Sem clausura, a *Chef* se resguardava em sua sacristia com forno, fogão, mesas e cutelos. Vestida a rigor, ostentava sua estola e seu colarinho clericais emoldurando um semblante pastoral. Seu voto de pobreza a tornou diferenciada: sua oferta como viúva abonada enriqueceu um colégio apostólico com bem-ditos arrebatamentos ao céu da boca. Suas louças e seus talheres usados não ficaram sujos, ficaram consagrados: serviram para lavar as mentes, limpar os corações, lustrar as almas – disso as velas testemunharam.

### Figura 18 - Babette: uma grande artista em sua sacristia



**Fonte:** Imagem captada diretamente do DVD “A Festa de Babette”. PlayArte, 2013.

Por isso sentimos que “A Festa de Babette” é um canto de louvor à espiritualidade. Uma espiritualidade pela arte. E esta não envelhece. Sua densidade re-apresenta o surpreendente sempre.

Por isso sentimos que “A Festa de Babette” mostra uma espiritualidade em contraponto – não no sentido de alternativas em excludências. Uma espiritualidade de contraponto no aspecto complementar – assim como a própria contradição da existência. Uma espiritualidade que atravessa o campo cristão, não sendo, porém, por este monopolizado. Uma espiritualidade mais ecumênica, inclusiva. Uma espiritualidade da guarida sem reservas e da plena partilha à mesa.

Por isso sentimos que “A Festa de Babette” evidencia uma espiritualidade que, sem desqualificar valores austeros e parcimoniosos, entra em sintonia vital com o prazer, com a beleza, com as delícias possíveis, probas e dignas: o prazer belo e agradável rodeado pelo acaso, pelo acolhimento, pelo perdão, pelo sublime – por tudo e tanto que a pessoa humana é capaz de ser mais-e-melhor em um ambiente talvez inóspito, adverso, desgastado.

Por isso sentimos que “A Festa de Babette” defende uma espiritualidade que nutre e, sem pudores espúrios, expõe uma firme convicção dos próprios predicados. Uma *vaidade* que não é vã nem vacilante. Uma segura e singela autoaceitação dos talentos e das habilidades para viabilizar eucaristias.

Por isso sentimos que “A Festa de Babette” corresponde a uma

espiritualidade oriunda-e-mediada-e-voltada segundo linguagens estéticas e artísticas. Uma espiritualidade influenciada pela história e suas dimensões, porém com inequívoca e consequente consistência atemporal. Uma espiritualidade imanente, contudo, transcendendo para reconexões mais hospitaleiras, companheiras e prazerosas.

Por isso sentimos que “A Festa de Babette” ilustra uma espiritualidade que transforma o inexorável gratuito em graça serena. Sem porquês nem poréns, o prazer da doação íntegra e integral emerge para absolutizar o cuidado com o transitório, com o passageiro, com o efêmero – um banquete em forma de sacramento.

Por isso sentimos que “A Festa de Babette” retempera uma espiritualidade que engravida nas pessoas um ânimo inebriante: parir inesperadas crianças aptas para fazer-as-pazes, desejosas por cirandar em torno do poço do prazer, sábias da breve colheita do dia diante da imensidão sideral.

## **Conclusão**

Em diálogo com John Dominic Crossan, Boff (2006) afirma que o cristianismo histórico é fruto de três tradições: a *Tradição da vida* que, enfatizando os ditos de Jesus, propõe um novo modo de vida; a *Tradição da morte*, que procura compreender o sentido da cruz, mediante a ressurreição; e a *Tradição da comensalidade*, que diz respeito à prática de repartir o pão e compartilhar o vinho em memória de Jesus. Para a Igreja em estado nascente, é na comensalidade, como lugar de partilha, “que se dá a presença de Deus e a atualização do significado da vida e da gesta de Jesus nesse mundo.” (BOFF, 2006, p.65).

A participação na mesa comum, permite, como indica a passagem bíblica dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), reconhecer Jesus e a presença divina no mundo. “A comensalidade de Jesus e da Igreja dos primórdios”, afirma Boff (2006, p.66), “queria significar uma antecipação da comensalidade eterna com Deus em seu Reino de paz, de justiça, de amor e de superabundância de tudo o que significa vida”. O coração chega a arder.

A Eucaristia, às vezes, é celebrada com uma grande cerimônia, em basílicas e catedrais esplêndidas. Mas, com maior frequência, é um evento “pequeno” que poucas pessoas conhecem. Acontece em uma sala de estar, em uma cela de prisão, um sótão – fora da vista dos grandes movimentos do mundo. Acontece em segredo, sem vestimentas, velas ou incenso. Acontece com gestos tão simples que os de fora nem percebem que acontece. Mas, grande ou pequena, festiva ou escondida, é o mesmo evento, revelando que a vida é mais forte que a morte e o amor mais forte que o medo. (NOUWEN, 2005, p. 75-76).

No horizonte da espiritualidade cristã, encontra-se, portanto, um grande banquete oferecido a todos, uma mesa posta e aberta a todos os convidados, a começar pelos marginalizados (Lc 14, 15-24; Mt 22, 1-14). Na mesa do Senhor, não se faz distinção entre seres humanos – nem judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher (Gl 3, 28) –, pois todas as pessoas são uma só (um “eu” e os “outros” ao mesmo tempo).

Em suma, o filme “A Festa de Babette” implica e arranja as expressões icônicas da comensalidade comunicando indícios de hospitalidade. E não seria isso uma chance de encantamento a simbolizar a espiritualidade? Concluimos que sim!

## REFERÊNCIAS

- A Festa de Babette.** Direção de Gabriel Axel. São Paulo: PlayArte, 2013. 1 DVD (102 min.).
- ARENDDT, H. **Homens em tempos sombrios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta.** Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BLIXEN, K. **A Festa de Babette.** São Paulo: Ed. SESI, 2018.
- BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível, v. III: Comer & beber juntos & Viver em paz.** Petrópolis: Vozes, 2006.
- CHALHUB, S. **Funções da Linguagem.** São Paulo: Ática, 1987.
- DINESEN, I. [BLIXEN, K.]. **A Festa de Babette e outras Anedotas do Destino.** Rio de Janeiro: Record, s.d.
- HILDEBRANDT, W. **Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento.** São Paulo: Academia Cristã; Loyola, 2008.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1988.

LIMA JÚNIOR, J. **Nuances da Fortuna: semiótica de uma pnêmica no filme A Festa de Babette**. São Bernardo do Campo: UMESP, Revista Estudos de Religião, ano XIX, número 28, 128-139, junho 2005.

MOLTMANN, J. **A Fonte da Vida: o Espírito Santo e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, J. **O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral**. Petrópolis: Vozes, 1998

NOUWEN, H. J. M. **Com o coração em chamas: meditação sobre a vida eucarística**. Aparecida: Santuário, 2005.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SCHILLEBEECKX, E. **História Humana: revelação de Deus**. São Paulo: Paulus, 1994.

TEIXEIRA, F. Malhas da hospitalidade. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**. Belo Horizonte, v. 15, n. 45, p. 18-39, jan.-mar. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2017v15n45p18>. Acesso em: 26 jan. 2022.